



“LECTIO DIVINA”

PRELIMINARES

“Ao ler a Bíblia, os Padres não liam os textos, mas a Cristo Vivo, e Cristo lhes falava” (P. Evdokimov”).

O assunto que vamos abordar é inesgotável, pois *“Lectio Divina”*, significa “leitura de Deus”, e a Deus nunca vamos acabar de ler. Arte de estudar o coração de Deus, segundo a harmoniosa definição de São Gregório Magno, a leitura participa de certo modo, da intimidade de seu objetivo próprio. Por isso, quanto mais se estuda, mais qualidades se descobrem nela, mais ricos se revelam os múltiplos aspectos que apresenta. Ao dar por concluídos nossos colóquios, teremos a impressão de que apenas havíamos abordado o assunto.

“Adão, onde estás?” A voz do Todo-Poderoso ressoa no Paraíso. Deus buscava o homem que havia plasmado à sua imagem e semelhança. Queria falar com ele, como todos os dias, quando passava pelo jardim, à hora da brisa da tarde. Adão, o homem, havia desobedecido ao seu Criador e se havia escondido. O pecado do homem destruiu brutalmente a familiaridade com Deus. Isto é o que quis dizer o Gênesis em suas primeiras páginas.

O homem perdeu a doce e terna liberdade de expressão que lhe permitia falar a Deus como um filho fala a seu pai, como um amigo fala a seu amigo. O homem perdeu a Deus, seu criador e pai, e Deus perdeu o homem, sua imagem e semelhança, seu filho interlocutor. E, desde essa época, Deus busca o homem, e ele tem de buscar a Deus.

“Buscar a Deus” é uma ocupação absorvente. Abarca toda a vida e toda a pessoa. É como o amor de Deus: *“Escuta, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor; amarás o Senhor teu Deus com todo o coração, de toda a tua alma, de todo o teu espírito e de todas as tuas forças” (Mc 12,29-30).*

A busca e o encontro pessoal com Deus se verificam no diálogo. O verdadeiro Deus, o Deus vivo, que fala e com quem se pode falar, o Deus que quer comunicar a plenitude da existência e se abaixa para elevar-nos a seu mesmo nível.

O verdadeiro homem, imagem de Deus, que quer encontrar o Criador, que dele se havia afastado, assim converge a sede de Deus em encarnar-se em homem e a sede do infinito que atormenta o coração humano. O Deus que nos persegue porque nos deseja, e o homem que busca ansiosamente a Deus de que necessita.

Para a tradição cristã primitiva, o diálogo com Deus tem dois tempos: a leitura e a oração. São Cipriano de Cartago aconselha Donato: *“Sê assíduo tanto à oração como à leitura. Ora falas tu com Deus, ora Deus contigo” (Ad Donatum, 15).* São Jerônimo diz ao anacoreta Bonosco: *“Ora ouves a Deus quando recorres à leitura dos livros sagrados, ora falas com Deus quando fazes oração ao Senhor” (Ep. 3,4).* Santo Ambrósio de Milão escreve: *“A Deus falamos quando oramos, a Deus ouvimos quando lemos suas palavras” (De officiis Ministorum 1,20,88).* Santo Agostinho, comentando o salmo 85, diz: *“Tua oração é um colóquio com Deus. Quando lês, te fala Deus; quando oras, tu falas a Deus” (Enarr. In os 85,7).*

Os mesmos conceitos se têm repetido inúmeras vezes nos autores antigos e medievais. Assim, por exemplo, em uma carta sobre a vocação monástica: *“Fala a Deus orando; escuta, lendo a Deus que te fala”.* E Bernardo Aygler, abade de Montecasino: *“Assim como falamos com Deus quando orando, assim Deus fala conosco quando lemos a Sagrada Escritura”.* Por isso São Bento não só nos exorta a nos entregarmos à oração, mas quer que nos ocupemos assiduamente da leitura. Nos nossos dias, o Concílio do Vaticano II citou o texto de Santo Ambrósio: *“Lembrem-se, porém, que a leitura da Sagrada Escritura deve ser acompanhada pela oração, a fim de que se*

estabeleça um colóquio entre Deus e o homem. Pois “com ele falamos quando rezamos, e ele ouvimos quando lemos os divinos oráculos” (**Dei Verbum, 25**).

“**Lectio Divina**”, que quer dizer, também, leitura orante, indica a prática de leitura que os cristãos fazem da Bíblia para alimentar sua fé, sua esperança, seu amor e compromisso.

1 – HISTÓRIA

Não se sabe muito bem em que consiste a “Lectio Divina”. Isto se explica porque tanto o nome quanto a sua prática caído em desuso há séculos. Hoje, graças a modernas investigações, é possível conhecer os grandes rasgos e sua história.

A “Lectio Divina” é a leitura crente e orante da Palavra de Deus, feita a partir da fé em Jesus, que disse: “*O Espírito vos recordará tudo o que eu disse e vos introduzirá na verdade plena*” (**Jo 14,26; 16,13**). O Novo Testamento, por exemplo, é o resultado da leitura que os primeiros cristãos faziam do Antigo Testamento à luz dos seus problemas e à luz da nova revelação que Deus fez de si através da Ressurreição de Jesus, vivo no meio da comunidade. No decorrer dos séculos, esta leitura crente e orante da Bíblia alimentou a Igreja, as comunidades, os cristãos. Inicialmente, não era uma leitura organizada e metódica, mas era a própria Tradição que se transmitia, de geração em geração, através da prática do povo cristão.

1.1. Padres

A leitura divina tem suas raízes na religião judaica: no uso da sinagoga, na meditação, na leitura da Bíblia própria dos rabinos e de seus discípulos. Mas teve de esperar Orígenes, o famoso mestre da leitura divina, para que o método aparecesse com clareza e perfeitamente demonstrado.

Orígenes, que provavelmente aprendeu este método de seus mestres judeus, considera a “Lectio Divina” como a base necessária de toda a vida ascética, de todo o conhecimento espiritual, de toda a contemplação. A Escritura, com efeito, não constitui um instrumento, entre outros, que ajuda a progredir na vida espiritual, nem a leitura da Bíblia, um simples exercício de piedade, mas a vida espiritual do cristão é a Escritura lida, meditada, compreendida e vivida. A Bíblia, junto com a Encarnação e a Igreja, é a manifestação sensível da presença do Logos (Palavra) na História, é a mesma voz de Cristo que se dirige a seus fiéis através da Igreja. Daí que todo fiel cristão deve dedicar-se assiduamente à “Lectio Divina”. A penetração no mistério de Cristo por meio da Escritura realiza-se progressivamente, e sua compreensão profunda não tem lugar senão depois de uma leitura insistente e ininterrupta pela oração.

Com razão, disse Denis Gorce que os padres da idade de ouro não fizeram mais que repetir, cada um da sua maneira e em seu próprio contexto histórico e cultural, as idéias de Orígenes sobre o papel de primeira ordem que desempenha a leitura sagrada na vida contemplativa.

Ler a Escritura é, segundo os Santos Padres da Igreja, obrigação principal de todo cristão. Os padres não se cansavam de recomendar: “*Empenhe-se na leitura, estude a leitura, insista leitura*”. Pode-se dizer que a liturgia, obra do povo de Deus, é em grande parte uma “Lectio Divina” comunitária: alterna a leitura da Bíblia com sua meditação, os cânticos. Mas para que apoveite de verdade a alma, é necessário que esta leitura comunitária seja fecundada por uma leitura pessoal; que seja privada, que resulte como uma prolongação da Palavra de Deus em comunidade. São João Crisóstomo, Santo Ambrósio de Milão e São Cesário de Arles afirmaram isto. O que se realiza na Igreja tem de ser continuação de cada cristão em sua casa, pois somente assim é possível “apropriar-se da Palavra de Deus”. Para São Gregório Magno, como para Orígenes, a “Lectio Divina” não é um exercício separado na vida do cristão; em certo sentido, pode-se afirmar que é o essencial, pois não seria exagerado dizer que para o grande Papa-monge o cristão perfeito é aquele que sabe ler a Escritura, na condição de entender que sua leitura compromete a vida eterna.

1.2. Os monges

São João Crisóstomo indignava-se quando diziam que ler a Escritura é coisa de monge. *“Não, dizia, é próprio de todos os que se vangloriam de ser cristãos”*. Não obstante a objeção de seus interlocutores, a Bíblia estava se convertendo no livro do monge, e o monge no homem da Bíblia.

Pacômio, Orsiésio, Basílio, Evágrio Pôntico, todos os mestres do monaquismo recomendavam encarecidamente a “Lectio Divina”. Cassiano, o grande divulgador da espiritualidade monástica no Ocidente, insiste, seguindo Orígenes, no grande poder de renovação espiritual contido na leitura direta da Bíblia, não na de seus comentaristas.

Assim, nos séculos V-VI, a “Lectio Divina”, já institucionalizada nos mosteiros, ocupa um lugar determinado no horário das comunidades. Segundo todas regras da época, dedicavam os monges à leitura, nos dias de trabalho, um mínimo de duas horas e um máximo de três horas.

Os monges da Idade Média permaneceram fiéis à prática da “Lectio”, pelo menos até certo ponto, pois, à vista de alguns textos, tem-se a impressão de que a “Lectio Divina” ia desvirtuando-se pelos menos em certos ambientes.

1.3. Decadência

No fim do século XII, idade de ouro da espiritualidade medieval, a expressão tornou-se cada vez mais rara; somente a usavam alguns escritores místicos. Na época de devoção moderna, os espirituais encontram uma forma de oração que a suplanta: a oração mental, exercício independente do que mais ainda se chamará leitura espiritual. Nesta época de transição, a leitura se converte em um exercício espiritual autônomo não orientado pela oração. E logo vai-se afastando também a Escritura. Produz-se a distinção clara entre estudo, leitura intelectual ou teológica, e leitura espiritual, exercício de piedade sem o rigor exigido na “Lectio Divina” e, sobretudo, porque esta diferença se nutre melhor de hagiografia popular, manuais de vida cristã e obras de meditação. A Escritura recupera, esporadicamente, um lugar preferencial somente em certos autores, como São João Eudes e em certos ambientes religiosos.

A “Lectio Divina” da Bíblia não era fomentada na vida religiosa. Era também o infeliz efeito da contra-reforma na vida da Igreja. Santa Teresinha, por exemplo, não tinha acesso ao texto integral do Antigo Testamento. Insistia-se mais na leitura espiritual. O medo do protestantismo fez perder o contato com a fonte.

1.4. Restauração

Os livros que contribuíram especialmente para ressuscitar a expressão “Lectio Divina” em pleno século XX foram o do doutor Denis Gorce, “Des Origenes du Cenobitisme à Saint Menoite et à Casodore”, Paris 1925, e o de Dom Usmer Berlière, “L’ascèse Bénédictine Des Origenes à la fin du XII siècle”, Paris, Maredsous, 1927. Mas a fórmula não se definiu verdadeiramente nesta década de 1940-1950, como o desenrolar do movimento litúrgico dentro e fora dos ambientes monásticos. É muito significativa uma coleção de estudos sobre a Bíblia, que empenhou em publicar a editora du Cerf, em 1946, com o título “Lectio Divina”. Finalmente, o Concílio Vaticano II, em seu decreto Dei Verbum 25, ratificou e promoveu ainda mais, com todo o peso de sua autoridade, a restauração da “Lectio Divina”. O Concílio exorta igualmente, com ardor e insistência, a todos os fiéis cristãos, especialmente aos religiosos, que, pela frequente leitura das divinas Escrituras, alcancem esse bem supremo: o conhecimento de Jesus Cristo (**Fil 3,8**). Porquanto *“ignorar as Escrituras é ignorar Cristo”* (**São Jerônimo, Cóm. In Is., pról.**).

De bem grado, pois vão ao próprio texto sagrado, que pela Sagrada Liturgia, repleta da divina palavra, quer pela piedosa leitura, quer por cursos apropriados e outros meios que, com a aprovação e o empenho dos Pastores da Igreja, hoje em dia louvavelmente se difundem por toda parte. Lembrem-se porém, que a leitura da Sagrada Escritura deve ser acompanhada pela oração, afim de que se estabeleça um colóquio entre Deus e o homem. Pois, *“com ele falamos quando rezamos; a ele ouvimos, quando lemos os divinos oráculos”*. E, no decreto **Perfectae Caritatis**, repete o Concílio referindo-se aos religiosos: *“Tenham todos os dias em mãos a Sagrada*

Escritura, para aprenderam, pela leitura e meditação dos divinos textos, 'a ciência eminente de Jesus Cristo'" (Fil 3,8).

Note-se que no texto anterior falava o Concílio de leitura assídua da Escritura; e, em último, da leitura diária.

1.5. Sistematização

A sistematização da "Lectio Divina" em quatro degraus veio só no século XII. Por volta do ano 1150, Guido, um monge cartuxo, escreveu um livrinho chamado: "A escada dos monges". Ele introduz os quatro degraus.

"Um dia, ocupado no trabalho manual, comecei a pensar no exercício espiritual do homem. E eis que de repente, enquanto refletia, apresentaram-se a meu espírito quatro degraus: a leitura, a meditação, a oração e a contemplação".

Esta é a escada dos monges, que os eleva da terra ao céu. Embora dividida em poucos degraus, ela é de imenso e incrível comprimento, com a porta inferior apoiada na terra, enquanto a superior penetra as nuvens e perscruta os segredos do céu (cf. Gn 28,12). Estes degraus, assim como são diversos em nome e número, também se distinguem pela ordem valor.

Se alguém examina diligentemente suas propriedades e funções, o que produz cada uma delas para nós, e como diferem e se hierarquizam entre si, achará pequeno e fácil por sua utilidade e doçura todo o trabalho e esforço que lhes dedicar. Na descrição dos quatro degraus. Guido sistematiza a tradição que vinha de longe e a transforma em instrumento de leitura para servir de instrução aos jovens que se iniciavam na vida monástica.

No século XII, os Mendicantes fizeram da "Lectio Divina" fonte inspiradora do seu movimento renovador, como transparece claramente na vida e nos escritos dos primeiros franciscanos, dominicanos, servitas, carmelitas e outros.

2 – REQUISITOS E DISPOSIÇÕES PARA A "LECTIO DIVINA"

2.1. Um ambiente favorável

O clima propício para a "Lectio Divina" deve estar integrado de paz exterior e interior, sobretudo interior, de caridade fraterna; sem caridade não há paz verdadeira, de silêncio, de tempo livre... Sobre o silêncio, tão necessário para escutar, observa Dietrich Bonhoffer: *"Calamo-nos antes de escutar, porque nossos pensamentos estão dirigidos para a mensagem, como um filho que se cala no momento de entrar no quarto de seu pai. Calamo-nos depois de ter escutado a Palavra de Deus, porque ela ressoa, viva, e quer habitar em nós".*

2.2. Pureza de coração

Mas é claro que não bastam um ambiente propício, uma preparação, uma formação idônea do tipo intelectual. Cassiano, grande mestre dos monges, não se cansa de repetir que a ciência humana, o estudo dos comentaristas da Bíblia, de pouco ou de nada serve para alcançar a "inteligência espiritual" da Escritura que alimenta o "homem interior", a vida de união com Deus. Mas o que se necessita antes de tudo e sobretudo é a pureza do coração.

Disse Cassiano pela boca do Abade Nesteros na famosas Colaciones (14,9): "Se desejais chegar à luz da ciência espiritual... inflamai antes todo desejo da bem aventurança que diz: *'Bem-aventurados os corações puros, porque verão a Deus!'* (Mt 5,8). Somente depois de extirpar os vícios e adquirir a humildade, será penetrar até o coração das palavras celestes e contemplar com o olhar puro da alma os mistérios mais profundos e escondidos.

'Não estamos na ciência humana, nem na cultura dos homens, mas tão somente na pureza da alma, iluminada pela luz do Espírito Santo'. Deste modo, à medida que vamos progredindo na purificação interior e na leitura humilde e assídua, nosso espírito vai-se renovando e nos parecerá que a Sagrada Escritura começa a falar para nós. Comunica-nos uma compreensão mais funda e misteriosa, cuja beleza vai aumentando em razão direta de nosso progresso. O texto inspirado acomoda-se na capacidade receptiva da inteligência humana".

Por isso, aos homens carnis a Escritura parece coisa terrena, aos espirituais, coisa celestial e divina. E aqueles que vinham antes envolvidos em espessas trevas são agora capazes de sondar sua profundidade e sustentar seu fulgor com o olhar” (**Conl. 14,11**).

2.3. Desprendimento e docilidade

Outras disposições fundamentais para encontrarmos a Deus que nos espera na Escritura são a sensibilidade, o desprendimento, a docilidade e a entrega. O Cardeal Eduardo F. Pironio escreve: *“A palavra de Deus é simples. Temos de penetrá-la com alma de pobre e coração contemplativo. Somente assim nasce em nós o gosto da sabedoria. Assim sucedeu em Maria, a virgem pobre e contemplativa, que recebeu em silêncio a Palavra, a realização na obediência da fé”* (**Lc 11,27**). Infelizmente, *“às vezes nós complicamos o Evangelho e assim não entendemos a clareza e a força de suas exigências. Possivelmente olhamos o Evangelho a partir de nós mesmos”*. Mas a palavra de Deus transcende nossa realidade e tem-se de entrar nela a partir da profundidade do espírito: *“penetra tudo, mesmo as profundezas de Deus”* (**1Cor 2,10**).

O desprendimento (desapego, desinteresse) deve liberar-nos, como disse A. Southey, do *“desejo ansioso dos resultados”*. Pois não se deve ir em busca de sentimentos, de experiências, de idéias bonitas para comunicar aos demais... A *“Lectio Divina”* é um trabalho de larga duração, que leva a uma profundidade incessante, mas normalmente imperceptível, de nossa intimidade com Deus.

Devemos acudir à Bíblia não para o que ela pode extrair de nós, mas para o que podemos extrair dela. Isto é muito importante. Para que a leitura de Deus seja autêntica, é preciso ir a ela com espírito de entrega de perfeita disponibilidade ao que o Senhor vai pedir-nos.

Segundo São Gregório Magno, exímio mestre da *“Lectio Divina”*, saber ler a Escritura pode converter-se em uma definição do cristão à medida que esta leitura seja existencial e não somente um exercício superficial da inteligência. *“Como estão os bons criados sempre atentos aos olhos de seus senhores para executar sem demora o que ordenam, assim também o espírito dos justos permanecerá atento à presença de Deus Todo-Poderoso. Fixando os olhos na Escritura como se se tratasse de sua boca. Porque, como na Escritura, Deus expressa sua vontade; quanto mais a conhece através de sua Palavra, tanto menos se aparta dela. Não ressoe em seus ouvidos sem deixar marcas, sem que se grave em seus corações”* (**Mor 16,35,43**).

Um dos segredos da santidade de Santa Teresinha do Menino Jesus, talvez o principal, era sua plena aceitação da Palavra de Deus para realizá-la e vivê-la. Jamais tentou acomodá-la a seu caminho, mas acomodou seu caminho à Palavra de Deus, de um modo total e absoluto.

A *“Lectio Divina”* exige entrega sincera, *“puritatis devotio”*, de quem a pratica. Supõe-se que o leitor *“se abandone em Deus, que ele está falando e lhe concede uma relação de coração”*, segundo a bela expressão dos padres da companhia de Jesus reunidos em suas 31 congregações gerais.

2.4. Espírito de oração

Devemos buscar a Escritura não para entreter-nos, nem para estudar, senão para subir ao altar de Deus, com grandes preparativos de alma e corpo. Deus no-la oferece para que leiamos em seu coração, chama-nos a sua intimidade. Mas este contato com Deus não pode efetuar-se senão em um clima de fé viva e, como escreve A. Southey, *“requer que nós nos preparemos com uma atitude de desejo humilde, numa atitude de oração”*.

Os Padres têm firmado um princípio fundamental: compreender a Escritura é um dom de Deus. São Gregório Magno, por exemplo, diz que *“a Palavra de Deus não pode penetrar sem sua sabedoria, e o que não recebeu seu Santo Espírito não pode de modo algum entender sua Palavra”* (Mor 18,39,60). Marcos Ermitaño ensina que *“o Evangelho está fechado para os esforços do homem; bri-lo é um dom de Cristo”*. Por isso São João Crisóstomo orava diante da Bíblia: *“Senhor Jesus Cristo, abre os olhos de meu coração..., ilumina meus olhos com tua luz..., tu somente és a única luz”*.

Antes de toda leitura, suplique a Deus para que se revele a ti. Sim, a leitura divina é um dom da graça, tem de suplicar ao Senhor da graça que no-lo conceda. Somente a oração humilde, sincera, amorosa, pode porgar que o que dizem as Escrituras nos abra seu sentido profundo.

3 – MÉTODO

Os quatro degraus da “Lectio Divina” são: leitura, meditação, oração e contemplação. Nem sempre é fácil distinguir um do outro. Trata-se de um processo dinâmico de leitura, em que várias etapas nascem uma da outra. É como a passagem da noite para o dia.

As quatro atitudes existem e atuam, juntas, durante todo o processo da “Lectio Divina”, embora em intensidade diferente, conforme o degrau em que a pessoa ou a comunidade se encontra.

3.1. Leitura

“Conhecer, respeitar, situar”

A leitura é o primeiro passo para se conhecer e amar a Palavra de Deus. Não se ama o que não se conhece.

É o primeiro passo do processo de apropriação da Palavra, lei para familiarizar-se com a Bíblia, para que ela se torne nossa palavra, capaz de expressar nossa vida e nossa história, pois ela *“foi escrita para nós que tocamos o fim dos tempos” (1Cor 10,11)*.

A leitura deve ser perseverante e diária. Exige ascese e disciplina. Não pode ser interesseira, mas deve ser desinteressada e gratuita.

A leitura é o ponto de partida, não é o ponto de chegada. Prepara o leitor e o texto para o diálogo da meditação, deve ser feita com critério e atenção. *“Estudo assíduo, feito com o espírito atento”*, dizia Guigo.

Através de um estudo imparcial, a leitura impede que o texto seja manipulado e reduzido ao tamanho da nossa idéias. Assim, a leitura cria no leitor uma atitude crítica, criteriosa e respeitosa diante da Bíblia. É aqui na leitura que entra a contribuição da exegese.

A leitura, entendida como estudo crítico, ajuda o leitor a analisar o texto e a situá-lo em seu contexto de origem. Esse estudo dividi-se em três níveis:

- a) *Literário*: aproximar-se do texto e, através de perguntas bem simples, analisar o seu tecido: Quem? O quê? Onde? Por quê? Quando? Como? Com que meios? Como o texto se situa dentro do contexto literário do livro de que faz parte?
- b) *Histórico*: através do estudo do texto, atingir o contexto histórico em que surgiu o texto ou em que se deu o fato narrado pelo texto, e dimensões como: econômica, social, política, ideológica, afetiva, antropológica e outras. Trata-se de descobrir os conflitos que estão na origem do texto, ou nele se refletem, para, assim, perceber melhor a encarnação da Palavra de Deus na realidade conflitiva da história humana.
- c) *Teológico*: descobrir, através da leitura do texto, o que Deus tinha a dizer ao povo naquela situação histórica, o que Deus significava para aquele povo, como ele se revelava, como o povo assumia e celebrava a Palavra do Senhor.

O estudo científico do texto não é o fim da leitura. É apenas um meio para se chegar ao fim. A intensidade do uso da exegese depende não do exegeta, mas das exigências e circunstâncias do leitor. A leitura rompe a distância entre o ontem do texto e o hoje da nossa vida, a fim de poder iniciar o diálogo com Deus na meditação. Paulo VI dizia que se deve *“procurar certa conaturalidade entre os interesses atuais e o assunto do texto, para que se possa estar disposto a ouvi-lo (diálogo)” (25-09-1970)*.

“Vejam se seguram as palavras divinas de forma a não deixá-las cair, escapar das mãos, e assim perdê-las. Quero exortá-los com um exemplo tirado dos costumes religiosos. Quem assiste habitualmente aos Divinos Mistérios sabe com que precaução, cheia de respeito, segura o Corpo do Senhor, quando lhe é entregue; não vá cair alguma migalha e perder-se uma parte do tesouro

sagrado. Sentir-se-ia culpado, e com razão, se por negligência alguma coisa se perder: Se quando se trata do Corpo do Senhor se tem tanto cuidado, como pensar que negligenciar a Palavra de Deus tem menos importância?” (Orígenes, Hom. Ex. 13 S. C. 16 p. 263).

Este texto lembra-nos imediatamente avocação de Samuel, quando a Bíblia diz que ele não deixava cair no vazio nenhuma Palavra do Senhor.

A “Lectio Divina” é uma leitura orante. Esta leitura supõe a fé. É a certeza de um encontro. No livro de Santa Gertrudes, o *Arauto do Amor Divino*, acha-se o seguinte: “*Se alguém me procurar nestas páginas, vou atraí-lo para junto de mim, participarei da sua leitura, como se tivesse o livro nas minhas mãos. Quando duas pessoas lêem juntas, no mesmo livro, uma parece respirar o sopro da outra. Assim eu vou aspirar o sopro dos desejos dessa alma, e eles vão comover em meu favor as entranhas da minha misericórdia; e farei com que ela respire o sopro da minha divindade e será toda renovada interiormente*”.

Este texto diz muito bem sobre o encontro e o que acontece naquele que lê. Quando faço “Lectio”, procuro o Senhor na palavra: “se alguém me procurar...” . É como se Jesus segurasse o livro em suas mãos. Ao ler, a leitura desperta os desejos (“vou aspirar os desejos dessa alma”) que vão comover as entranhas de misericórdia do Senhor. Aquele que lê é renovado interiormente.

A Escritura nasceu em comunidades vivas. Quando lemos sozinhos, estamos rodeados de uma multidão de testemunhas. A “Lectio Divina” é o prolongamento da Liturgia da Palavra, na comunidade cristã, durante a Eucaristia. É uma palavra não só para mim, mas, na fé, tem repercussão na Igreja.

Pedir o Espírito Santo, conscientizar-se de que é um privilégio único e sinal de aliança, poder escutar a Palavra de Deus. Pôr-se todo na escuta.

Devemos ler, reler, voltar a ler. Pronunciar bem as palavras, se possível em voz alta; como em uma carta desejada, não nos contentamos com uma leitura só, e sabemos até ler nas entrelinhas.

Todos temos dificuldades em ler. Há o vício de ler em diagonal, ler depressa demais, ler para encher o tempo, falta de gosto pela leitura, falta de tempo, de interesse, de método. Pertencemos à civilização da imagem, espectadores passivos da TV ou das revistas. É necessário toda uma aprendizagem, e uma ascese. Ter tempo fixo é ser fiel.

A leitura não pode depender do gosto do momento. A leitura séria impede que o texto seja manipulado e reduzido ao tamanho da nossa idéia.

Ler, copiar o texto mais de uma vez. Ler os lugares paralelos indicados na Bíblia ou nas notas. “A Escritura se interpreta por si mesma” é o grande critério rabínico da “Lectio”.

A Palavra pode ser difícil, estranha, exigente, não dizer nada. Há vazios, silêncios. Não fugir do vazio da tentação de escutar rádio ou folhear revista é lamentável. Não ter medo de sentir a incapacidade de rezar e de experimentar é uma graça.

“Abre a Bíblia e lê o texto. Não escolhas ao acaso, porque não se desperdiça a Palavra de Deus. Obedece ao lecionário litúrgico e aceita o texto que a Igreja te oferece hoje, ou então, lê um livro da Bíblia do princípio ao fim. Obediência ao lecionário ou obediência ao livro são essenciais para uma obediência cotidiana, para uma continuidade da “Lectio”, para não cair no subjetivismo da escolha de um texto que agrada ou do qual se pense ter necessidade. Procura ser fiel a este princípio. Escolhe talvez um livro indicado pela tradição da Igreja para diversos tempos no ano litúrgico, ou uma das leituras do lecionário ferial. Não multipliques os textos: uma passagem, uma perícule, alguns versículos são mais suficientes! E, se fazes a “Lectio”, nos textos de domingo, lembra-te que a primeira leitura (Antigo Testamento) e a terceira (Evangelho) são paralelas e que és convidado a rezar com estes dois textos. O lecionário das festas é um grande dom, escolhido com muita sabedoria espiritual. O lecionário ferial é mais descontínuo; se isto te atrapalha, é preferível, então, fazer uma leitura contínua de um livro escolhido”. “Seja tua leitura uma escuta (audire) e a escuta se torne obediência (abauride)”.

“Não leias simplesmente com os olhos, mas procura imprimir o texto em teu coração”. Guigo compara a palavra a um cacho de uva que a alma examina, volta o coração e começa a mastigar e triturar e a põe no lagar, enquanto excita a razão a procurar o que é e como pode ser adquirida.

Qual o momento de passar da leitura para a meditação? É difícil precisar o momento exato em que a natureza passa da primavera para o verão.

O objetivo da leitura é ler e estudar o texto até que ele, sem deixar de ser ele mesmo, se torne espelho para nós mesmos e nos reflita algo da nossa própria experiência de vida. A leitura deve familiarizar-nos com o texto a ponto de ele se tornar nossa palavra. Cassiano dizia: “Penetrados dos mesmos sentimentos em que foi escrito o texto, tornamo-nos, por assim dizer, os seus autores”. E aí, como que de repente, damos-nos conta de que, por meio dele, Deus está querendo falar conosco e nos dizer alguma coisa. Nesse instante, dobramos a cabeça, fazemos silêncio a brimos o ouvido: “Vou ouvir o que o Senhor nos tem a dizer!” (SI 85,9). É nesse momento que a leitura se transforma em meditação.

3.2. Meditação

“Ruminar, dialogar, atualizar”

A leitura responde à pergunta: “Que diz o texto?”. A meditação vai responder à pergunta: “Que diz o texto para mim, para nós? A meditação indica o esforço que se faz para atualizar o texto e trazê-lo para dentro do horizonte da nossa vida e realidade tanto pessoal como social. O texto deve falar-nos. Dentro da dinâmica da “Lectio Divina”, a meditação ocupa um lugar central.

Guigo dizia: *“A meditação é uma diligente atividade da mente que, com a ajuda da própria razão, procura conhecimento da verdade oculta”*. Através da leitura, descobrimos o contexto da época. No entanto, a fé nos diz que esse texto, apesar de ser de outra época e de outro contexto, tem algo a nos dizer hoje.

Uma primeira forma de se realizar a meditação é sugerida pelo próprio Guigo. Ele manda usar a mente e a razão para poder descobrir a “verdade oculta”. Entra-se em diálogo com o texto, com Deus, fazendo perguntas que obrigam a esar a razão e que procuram trazer o texto para dentro do horizonte da nossa vida. Por exemplo: Quais os conflitos de ontem que existem hoje?

A outra forma é repetir o texto, ruminá-lo até descobrir o que ele tem a nos dizer. É o que Maria fazia quando ruminava as coisas no coração (**Lc 2,19-51**). É o que recomenda o salmo ao justo: *“Meditar dia e noite na lei do Senhor”* (**SI 1,2**). É o que Isaías define com tanta precisão: *“Sem lahweh, o teu nome e a lembrança de ti resumem todo o desejo da nossa alma”* (**Is 26,8**). Após ter feito a leitura e ter descobrido o seu sentido para nós, é bom procurarmos resumir tudo numa frase, de preferência do próprio texto bíblico, para ser levada conosco na memória e ser repetida e mastigada durante o dia, até se misturar com o nosso próprio ser.

Assim nos colocamos sob o julgamento da Palavra de Deus e deixamos que ela nos penetre, como espada de dois gumes (**Hb 4,12**). *“Ela vai julgando a criatura oculta à sua presença. Tudo está nu e descoberto aos olhos daqueles a quem deve prestar contas”* (**Hb 4,12-13**). Pela meditação, a Palavra de Deus vai entrando aos poucos, vai tirando as máscaras, vai revelando e quebrando a alienação em que vivemos, desenvolvendo-nos, para que nos tornemos uma expressão viva da palavra ouvida e meditada.

“O camelo não precisa de muita comida. Ele conserva o que comeu até entrar no estábulo, depois faz a comida voltar e ruminar-a, até que entre nos seus ossos e na sua carne. O cavalo precisa de muita comida, ele come e logo gasta tudo o que comeu. Então, não sejamos como o cavalo, quer dizer, recitar as Palavras de Deus a cada instante, e não viver nenhuma. Mas sim como o camelo, recitando as palavras da Escritura, guardando-as até cumpri-las”.

Lembremos de Santo Antão diz-se que para ele a memória fazia as vezes do livro. A ruminação está ligada ao sabor. **Santo Agostinho** dizia: *“Quando escutas, ou lês, comes. Quando meditas o que acabas de ouvir, ou de ler, ruminas. Aquele que é sábio saboreia a Palavra, pois, meditando-a, ruminar-a, e a ruminação alegra-o”*.

Cassiano aponta outro aspecto importante da meditação, como consequência da ruminação. Ele diz: “Instruídos por aquilo que nós mesmos sentimos, já não percebemos o texto como algo que só ouvimos, mas sim como algo que experimentamos e tocamos com nossas mãos; não como uma história estranha e inaudita, mas como algo que damos à luz desde o mais profundo do nosso coração, como se fossem sentimentos que formam parte de nosso próprio ser. Repitamo-lo: não é a leitura que nos faz penetrar no sentido das palavras, mas sim como algo que experimentamos na vida de cada dia. Aqui já nem parece haver mais diferença entre Bíblia e vida, entre Palavra de Deus e a nossa palavra. Ora, conforme Cassiano, é nesta quase identificação nossa com a Palavra da Bíblia que está o segredo da percepção do sentido do texto; não vem do estudo, mas da experiência que nós mesmos temos da vida. O estudo coloca os fios, a experiência adquirida gera a força, a meditação aperta o botão, faz a força correr pelos fios e acende a lâmpada do texto. Tanto o fio como a força, ambos são necessários para que haja luz. A vida ilumina o texto, o texto ilumina a vida.

A meditação também aprofunda a dimensão pessoal da Palavra de Deus. Na Bíblia, quem dirige a Palavra é Deus, e ele o faz com muito amor. Uma palavra de amor recupera forças, libera energias, recria a pessoa, o coração se dilata até adquirir a dimensão do próprio de Deus, que pronuncia a Palavra.

“Pela leitura se atinge a casca da letra, e se tenta atravessá-la para, na meditação, atingir o fruto do Espírito” (São Jerônimo). O Espírito age dentro da Escritura (**2Tm 3,16**). Através da meditação, ele se comunica a nós, nos inspira, cria em nós os sentimentos de Jesus Cristo (**Fl 2,5**), ajuda-nos a descobrir o sentido pleno das palavras de Cristo (**Jo 16,13**). É o mesmo Espírito que enche a vastidão da terra (**Sb 1,7**). No passado ele animava os Juízes e Profetas, hoje ele também nos anima.

O monge cartuxo exorta que: *“Não cabe a quem lê nem a quem medita sentir tal doçura, se não recebe do alto” (Jo 19,11)*. Esse dom de ler e meditar é comum tanto aos bons como aos maus, e os próprios filósofos encontraram, pelo exercício da razão, em que consiste em suma o verdadeiro bem.

A meditação é uma atividade pessoal e também comunitária. A partilha do que cada um sente, descobre e assume no contato com a Palavra de Deus é muito mais do que só a soma das palavras de cada um, é o sentido Eclesial da Bíblia.

Qual o momento que se passa da meditação para a oração? Não é fácil dizer quando, exatamente, uma pessoa passa da juventude para a idade adulta. A meditação atualiza o sentido do texto até ficar claro o que Deus está pedindo de nós; quando fica claro o que Deus está pedindo de nós; quando fica claro o que Deus pede, está chegando o momento de se perguntar: “E agora o que vou dizer a Deus? Assumo ou não assumo?”. Quando fica claro o que Deus pede, fica clara também a nossa incapacidade e a nossa falta de recursos. É o momento da súplica; *“Senhor, levanta-te! Socorre-nos” (SI 44,27)*. A meditação é semente de oração. Basta praticá-la e ela, por si mesma, se transforma em oração.

3.3. Oração

“Suplicar, louvar, recitar”

A atitude de oração está presente desde o começo da “Lectio Divina”. Apesar de tudo ser regado com oração, deve haver um momento especial, próprio, para a prece. Chegou o momento da oração propriamente dita: “O que o texto me faz dizer, nos faz dizer a Deus?”.

Guigo descreve a importância da oração: “vendo, pois, a alma que não pode por si mesma atingir a desejada doçura do conhecimento e da experiência, e que, *“quando mais se aproxima do fundo do coração” (SI 63,7)*, tanto mais distante é Deus (**cf. SI 63,8**), ela se humilha e se refugia na oração. E diz: *“Senhor, que não és contemplado senão pelos corações puros, eu procuro, pela leitura e pela meditação, qual é, e como pode ser adquirida a verdadeira doçura do coração, a fim de por ela conhecer-te ao menos um pouco”*.

A atitude de oração diante da Palavra de Deus deve ser como aquela de Maria que disse: *“Faça-se em mim segundo a tua palavra”* (**Lc 1,38**). Maria foi capaz de receber a Palavra de Deus, porque a ruminação (**Lc 2,19.51**) da mesma tinha purificado o seu olhar e o seu coração.

A oração, provocada pela meditação, inicia-se por uma atitude de admiração silenciosa e de adoração ao Senhor. A partir daí brota a nossa resposta à Palavra de Deus.

Fala agora a Deus, responde-lhe, responde aos convites, aos apelos, às inspirações, aos pedidos, às mensagens que te dirigiu através da Palavra compreendida no Espírito Santo. Não vês que foste escolhido no seio da Trindade, no inefável colóquio entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo? Não te detenhais mais a refletir demasiado; entra em diálogo e fala como um amigo fala a seu amigo (**Dt 34,10**). Não procureis mais confirmar teus pensamentos com os seus, mas busca a ele. A “meditação” tinha por fim a oração. É agora o momento. Nada de tagarelice, fala-lhe com segurança, com confiança e sem medo, longe de todo olhar sobre ti mesmo, mas encantado com seu rosto que emergiu do texto no Cristo Senhor. Dá livre curso a tuas capacidades criativas de sensibilidade, de emoção, evocação, e coloca-se a serviço do Senhor. Não posso dar-te muitas indicações porque cada qual sabe reconhecer o encontro com seu Deus, mas não pode ensiná-lo aos outros, nem descrevê-lo em si mesmo. Que se pode dizer do fogo, quando este está dentro dele? Que se pode dizer da oração-contemplação no fim da “Lectio Divina”, a não ser que é a sarça ardente na qual o fogo queima? (Enzo Bianchi).

Pode ser feita a oração dos salmos. O próprio Jesus usou, frequente, os salmos e orações da Bíblia. Ele é o grande cantor dos salmos (Santo Agostinho). Com ele e nele, os cristãos prolongam a “Lectio Divina” pela oração pessoal, pela oração litúrgicas e pelas preces da Igreja.

A resposta a Deus pode ser de louvor ou de ação de graças, de súplica ou de perdão, pode ser até de revolta ou de imprecação, como foi a resposta de Jó, de Jeremias e de tantos salmos.

Como meditação, é importante que esta oração espontânea não seja só individual, mas também tenha sua expressão comunitária em forma de partilha.

A Palavra de Deus vale não só pela idéia que transmite, mas também pela força que comunica. Não só diz, mas também faz. Um exemplo concreto é o sacramento: a palavra *“Isto é o meu corpo!”* faz o que diz. Na criação, Deus fala e as coisas começam a existir (**Sl 148,5; Gn 1,3**). O povo judeu, muito mais do que nós hoje, tinha sensibilidade para valorizar esses dois aspectos da palavra e mantê-lo unidos. Eles diziam na língua deles: “dabar”, o que significava, ao mesmo tempo, palavra e coisa: diz e faz, anuncia e traz, ensina e anima, ilumina e fortalece, luz e força, Palavra e Espírito. Ora, a “Lectio Divina”, que tem suas raízes no povo judeu, também valoriza os dois aspectos e os mantém unidos. Pela leitura, procura descobrir a idéia, a mensagem, que a Palavra transmite e ensina. Pela meditação, e sobretudo pela oração, ela cria o espaço onde a palavra faz o que diz, traz o que anuncia, comunica a sua força e nos revigora para a caminhada. Os dois aspectos não podem ser separados, pois ambos existem unidos na unidade de Deus, no seio da Santíssima Trindade. Desde toda a eternidade, o Pai pronuncia a sua Palavra e coloca nela a força do seu Espírito. A Palavra se fez carne em Jesus, no qual repousa a plenitude do Espírito Santo.

Na oração reflete-se ainda o itinerário pessoal de cada um no seu caminhar em direção a Deus e no seu esforço de se esvaziar-se de si para dar lugar a Deus, ao irmão, à comunidade. É aqui que se situam as noites escuras com suas crises e dificuldades, com seus desertos e tentações, rezadas, meditadas e enfrentadas à luz da Palavra de Deus (**Mt 4,1-11**).

Qual o momento que se passa da oração para a contemplação? Não há resposta. A contemplação é o que sobra nos olhos e no coração, depois que a oração termina. Ela fica para além do caminho da “Lectio Divina”, pois é o seu ponto de chegada. Por ser o ponto de chegada, é também o ponto de um novo começo de leitura, meditação e oração.

3.4. Contemplação

“Enxergar, saborear, agir”

A contemplação é o último degrau da “Lectio Divina”. Cada vez, porém, que se chega ao último degrau, este se torna patamar para um novo começo. E assim, através de um processo sempre renovado de leitura, meditação, oração, contemplação, vamos crescendo na compreensão do sentido e da força da Palavra de Deus. Esse processo será sempre incompleto, até que a realidade toda seja transformadora e se chegue à plenitude do Reino.

“E o Senhor, cujos olhos são fixos nos justos e cujos ouvidos estão não só atentos às suas preces **(SI 33,16)**, mas presentes nelas, não espera a prece acabar. Pois, interrompendo o curso da oração, apressa-se a vir à alma que o deseja, banhado de orvalho da doçura celeste, unguento dos perfumes melhores”.

“Ele recria a alma fatigada, nutre a que tem fome, sacia a sua aridez, faz-lhe esquecer tudo que é terreste, vivifica-a, mortificando-a por um admirável esquecimento de si mesma, e, embriagando-se, torna-a sóbria”.

São Paulo, na carta aos Romanos, depois de falar da História da Salvação, do chamado dos pagãos, que eramos nós, e da salvação final dos judeus, exclama: *“Ó abismo da riqueza, da sabedoria e da ciência de Deus! Como são insondáveis seus juízos e impenetráveis seus caminhos! Quem conhece o pensamento do Senhor? Quem se tornou seu conselheiro?”.*

É um grito de admiração. De louvor, de adoração, de contemplação. Contemplação é também a capacidade de perceber a presença de Deus em tudo, nos acontecimentos, na história, nos outros. Esta presença unifica os casos da vida.

Guigo diz: *“A leitura busca a doçura da vida bem-aventurada, a meditação a encontra, a oração a pede e a contemplação a saboreia. A leitura leva comida sólida à boca, a meditação a mastiga e ruma, a oração prova o seu gosto e a contemplação é o gosto da doçura já alcançada”.* O que mais chama a atenção nos escritos de Guigo é a insistência em descrever a contemplação como uma saborosa curtição da doçura que relativiza tudo e, como que por um instante, antecipa algo da alegria que *“Deus preparou para aqueles que o amam” (1Cor 2,9)*.

4 – FRUTOS DA “LECTIO DIVINA”

Muitos e muito saborosos são os frutos da “Lectio Divina”. Segundo São Bento, conduz-nos à perfeição; segundo São Bernardo, infunde-nos sabedoria; segundo São Ferreolo, cria o fervor espiritual; segundo Bernardo Ayglie, dissipa a cegueira da mente, ilumina o entendimento, sana a debilidade do espírito, sacia a fome da alma, produz a compunção (contrição) do coração... A lista, sem dúvida alguma, poderia alargar-se facilmente. Veremos somente alguns dos frutos.

4.1. Uma mentalidade bíblica

Pode-se dizer, em primeiro lugar, que o contato pessoal, assíduo e profundo com a Palavra Deus cria no leitor o que se tem chamado uma “mentalidade bíblica”. As idéias, as expressões, as imagens da Escritura se convertem cada vez mais em seu patrimônio espiritual. Sua fé nutre-se das verdades da Bíblia; sua vida moral ajusta-se aos preceitos, diretrizes e modelos contidos na Bíblia; suas idéias e imaginações, tantas vezes inúteis e perigosas, são substituídas com grande vantagem pelas idéias e imagens da Bíblia, pelas imagens de Deus, de Jesus, dos amigos de Deus; acostuma-se a pensar naturalmente nas realidades da salvação, eleva-se com facilidade a elas. Pensa e fala com a Bíblia e como a Bíblia. A imitação de Cristo acha na Bíblia um arsenal para vencer a tentação. A Bíblia passa a formar parte integrante de sua personalidade, ou melhor dizendo, esta termina por ser transformada pela leitura da Bíblia.

4.2. Uma total renovação

A “Lectio” transforma-nos radicalmente. Que a “Lectio” representa na vida espiritual um papel purificador é uma afirmação constante dos Padres e autores monásticos. Que a Bíblia nos ajuda eficazmente a prosseguir com esperança o combate espiritual é o que afirma o próprio São Paulo: *“Ora tudo quanto outrora foi escrito foi para a nossa instrução, a fim de que, pela perseverança e pela consolação que dão as Escrituras, tenhamos esperança” (Rm 15,4)*. A este

propósito escrevia São Basílio de Cesárea: *“Como tens o consolo da Sagrada Escritura, não terás necessidade de mim nem de nada para estimular o justo, pois basta-te possuir o consolo do Espírito Santo que é o teu guia para o bem” (Ep 283)*. A “Lectio”, com efeito, edifica, constrói a alma, porque o homem é o que lê. O “homem novo”, que nos empenhamos em ser no batismo, chega, assim, à maturidade.

Todos os que fascinados pela Palavra de Deus, entram na escola desta Palavra e perseveram nela, realizam o famoso tema de Orígenes: *“Não podes oferecer a Deus algo de tua mente ou de tua palavra, se primeiro não concebes em teu coração o que foi escrito” (Hom. 13 In Ex., 3)*. Que quer dizer com isto Palavra? Que para ser interlocutores válidos de Deus é necessário que a Escritura esteja enraizada em nós, que a Escritura se tenha convertido em nossa própria substância, ou mesmo o que Cristo, Palavra de Deus, se tenha formado em nós. Não é esta a verdadeira meta da leitura divina como todo o conjunto de elementos que integram a vida cristã? *“Conceber a Palavra de Deus no coração!”* A palavra salvadora, acolhida nas devidas condições, forma Cristo em nós, faz-nos, de verdade, cristãos.

4.3. Uma piedade objetiva

A “Lectio Divina” confere à piedade um caráter objetivo. Longe de basear-se em imaginações e sentimentalismos inconsistentes, edifica-se sobre acontecimentos, modelos e mistérios reais com que o cristão procura identificar-se. Centra-se em Deus, ou mais exatamente, em Cristo e na Santíssima Trindade.

4.4. Uma vida de Oração

A leitura divina favorece e vivifica a vida de oração. A interpretação das coisas visíveis e invisíveis, da vida e da história humana, “do ponto de vista de Deus”, que procura na leitura da Bíblia o conhecimento do desígnio que consiste no desejo de comunicar-se ao homem, unir-se a ele, prolongar até ele a comunicação da vida que constitui o mistério íntimo de Deus, produz na alma uma grande paz. O leitor crente e assíduo das Escrituras sabe, com certeza inquebrantável, que alguém pensa nele, que alguém sai ao seu encontro, que alguém está com ele. Sua alma sente-se fortalecida como a presença de um Amigo. Tudo isto fomenta uma vida de união conciente, intensa com Deus.

4.5. Uma experiência de Deus

A “Lectio Divina”, praticada com fidelidade, produz a experiência de Deus. Experiência significa “a graça da oração íntima”, o “afeto da divina graça” de que fala São Bento, o saborear as realidades divinas, como ensina constantemente a tradição patrística. É certo sentimento de estar unido a Deus por meio de Cristo na oração.

A oração viva e verdadeira, que brota no contato com a Palavra de Deus, é um de seus maiores frutos. O diálogo, a união com Deus, que é verdadeiramente divina e humana. Deus, falando em nossa alma, no modo humano, nos tem buscando e nós o temos encontrado; e, ao encontrarmos Deus, nós o temos encontrado no mistério de sua Palavra.

4.6. Uma grande felicidade

O salmo 1 nos diz claramente:

“Feliz o homem que não procede conforme o conselho dos ímpios, Não trilha o caminho dos pecadores, nem se assenta entre os escarnecedores; Feliz aquele que se compraz no serviço do Senhor e medita sua lei dia e noite”.

Deus não somente diz na “Lectio” como sermos felizes, mas que a mesma é a nossa felicidade. São Jerônimo, mestre indiscutível em tudo o que se refere à “leitura divina”, tem páginas belíssimas sobre o tema. Conhecia por experiência as delícias escondidas nas Escrituras para aqueles que sabem descobri-las. “Eu te pergunto irmão caríssimo” – escreve a São Paulino de Nola – *“viver entre estas coisas, meditá-las não saber nada fora delas, não te parece que é ter aqui na terra uma morada do reino celeste?”*